

HERBERT MARCUSE E A TEORIA CRÍTICA

Denise M. ALVES.

Associação Cultural e Educacional de Garça, FASU, Garça/SP, Brasil.

Alex L. Teixeira ALVARO.

Associação Cultural e Educacional de Garça, FASU, Garça/SP, Brasil.

Resumo:

O presente texto comenta a trajetória do filósofo Herbert Marcuse na Escola de Frankfurt, abordando seu posicionamento político-intelectual e sua produção teórica, e contextualizando sua vida e obra historicamente. Relata, ainda, a construção da Teoria Crítica como sendo uma Escola do pensamento independente da Universidade alemã e baseada nos conhecimentos de Hegel, Marx e Freud. A Teoria Crítica, também, chamada de Escola de Frankfurt tem como expoentes os autores Horkheimer, Adorno, Marcuse, Benjamim, Habermans e preocupou-se em fazer a crítica social almejando o esclarecimento e a liberdade humana.

Palavras Chave: Herbert Marcuse, Teoria Crítica, Psicologia Social, Movimento Trabalhista e Socialismo.

Abstract:

The present text comment the trajectory of the philosopher Herbert Marcuse in the School of Frankfurt, approaching its positioning politician-intellectual and its theoretical production, and to put in context its life and history. It still tells the construction of the Critical Theory as being a School of the independent thought of thr German University, based in the knowledge of Hegel, Marx and Freud. The Critical Theory also called School of Frankfurt has as exponents authors Horkheimer, Adorno, Marcuse, Benjamim, Habermans and was worried in making critical the social one longing for the clarification and the freedom humam being.

Key words: Herbet Marcuse, Critical Theory, Social Psychology, Working Movement and Socialism.

1. Introdução:

Herbert Marcuse, pertencente a uma família de judeus assimilados, nasceu em 1898 na cidade de Berlim. Durante o período de 1917 e 1918, foi membro do Partido Social-Democrata, participando, em 1919, de um Conselho de Soldados durante a revolução de Berlim. Contudo, logo após, deixou o partido.

Estudou filosofia em sua cidade natal e em Freiburg, local onde conheceu os filósofos Husserl e Heidegger. Doutorou-se com a Tese *Romance de Artista*. Trabalhou, na própria cidade de Berlim, em algumas editoras. Posteriormente, quando retornou a Freiburg, foi orientado por Heidegger em sua tese *A Ontologia de Hegel e a Fundação de uma Teoria da Historicidade*. Entretanto, a relação de ambos, Marcuse e Heidegger, sofreu grandes abalos e não se manteve por muito tempo.

Nesse mesmo período, o autor entrou em contato com o Instituto para Pesquisa Social, Husserl foi quem o apresentou a Horkhermer. A partir daí, Marcuse participou da revista "A Sociedade", de Hilferding; dos "Cadernos Filósofos", de Maximilien Beck, e, ainda, da "Revista do Instituto para Pesquisa Social".

Herbert Marcuse, um dos grandes filósofos do século XX, estruturou seu pensamento a partir da dialética marxista e hegeliana, condição que o aproximou do Instituto para a Pesquisa Social, vinculado à Universidade de Frankfurt, apesar do vínculo o Instituto sempre desfrutou de autonomia tanto financeira quanto intelectual. Ele concentrava seu trabalho visando completar, compreender a nebulosa história do movimento trabalhista e do socialismo.

Dada a relevância desse autor e de suas contribuições à Psicologia iremos descrever sua trajetória acadêmica e apresentar seu pensamento e desenvolvimento teórico, a partir de sua estreita participação junto a Escola de Frankfurt.

2. Marcuse e a Escola de Frankfurt

O Instituto, posteriormente chamado de Escola de Frankfurt, foi fundado em 1924, logo após ter sido proclamada a república Alemã em 1918 por meio de uma insurreição operária - que depôs a dinastia dos Hohenzollern caracterizada pelo autoritarismo militar. Na verdade, a força da classe operária, que no início do século XX fez nascer República da Alemanha, foi em 1923, derrotada pelo Partido Socialista Alemão na ocasião, governo.

Os movimentos operários, ocorridos no período de 1918 a 1923, abalaram em alto grau a sociedade alemã, que só no final do último ano, conseguiu iniciar sua estabilidade. Durante os cinco anos de enfrentamento entre a classe operária e o poder hegemônico estabelecido, ocorreram criações de conselhos operários nas fábricas, realizações de greves gerais o que demonstrou a grande combatividade dos movimentos operários. Contudo, as forças contra-revolucionárias responderam sabiamente de modo a influenciar o próprio movimento operário.

Os líderes desse movimento eram Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, da Liga Espartaquista. Luxemburgo desde 1904 lutava contra a concepção “ultracentralista” defendida por Lênin, que aceitava o comitê central como o

único “núcleo ativo”, reduzindo, conseqüentemente, todos os demais departamentos a “órgãos executivos”. Ela também criticava a atitude positivista e cientificista, de Lênin, com relação à disciplina de fábrica que introduzia o taylorismo americano na prática industrial, visando controlar cientificamente a organização para obter o aumento da produção. Rosa Luxemburgo colocava-se austeramente contra o autoritarismo leninista. Para ela só a espontaneidade unida à organização era capaz de evitar a burocracia.

Em 1919, os sociais-democratas majoritários foram os principais responsáveis pela destruição da Liga Espartaquista, que foi grandemente abalada com o assassinato dos seus dois principais dirigentes. Em 1914, se deu o rompimento entre ambos, devido à aprovação dos créditos de guerra, no Parlamento alemão, por meio dos sociais-democratas que trocaram o campo do internacionalismo operário pelo nacionalismo e os interesses da classe burguesa alemã, expondo à morte, jovens operários, nas batalhas contra a Rússia.

Foi nesse contexto, histórico cultural, que o Instituto para a Pesquisa Social originou-se, resgatando a história do movimento trabalhista e socialista e preenchendo, assim, uma lacuna presente na universidade da Alemanha. Seu primeiro diretor foi o economista austríaco, Carl Grünberg. Mas, a partir de 1931 Horkheimer, titulado academicamente, assumiu a direção do instituto vinculando-o à Universidade de Frankfurt. O órgão oficial passou a ser, não mais Arquivos de Grünberg e sim, Revista de Pesquisa Social, mudando, também, a preponderância da economia para a filosofia.

A partir do enfoque filosófico a Teoria Crítica começou a ser construída e, seus autores percorreram sobre Platão, Kant, Hegel, Marx, Heidegger, Schopenhauer, etc. A Teoria Crítica fazia oposição a todo pensamento da identidade, da não contradição, característicos da filosofia a partir de Descartes, chamada pelos frankfurtianos, de Teoria Tradicional. Segundo Matos, “a *Teoria Crítica realiza uma incorporação do pensamento de filósofos ‘tradicionais’, colocando-se em tensão com o mundo presente*” (MATOS, 2001, p. 13).

A Escola de Frankfurt se constituiu num período caracterizado pela esperança da revolução e o desapontamento factual. Diante disso os intelectuais frankfurtianos Horkheimer, Adorno, Benjamim e Marcuse, apesar das diversas origens filosóficas, uniram-se em prol de compreender o motivo da prevalência da “servidão voluntária”, explicada pelas seguintes indagações: *“Por que os homens escolhem livremente seus próprios opressores? Por que a vítima se torna perseguidora de si mesma”* (MATOS, 2001, p. 38).

A partir da Revolução Russa, 1917, houve a universalização da visão intelectual e da política revolucionária nos países europeus. A Revolução Russa (contrariando o pensamento de Marx que não admitia o passado tomado como modelo para situações presentes), foi imitada pelos demais países que praticaram a revolução socialista. Para alguns pensadores, como Lukács e Korsch, esse foi o problema central do insucesso revolucionário.

Lukács (Apud Matos, 2001, p. 15), *“mostrou que a dialética de sua época não passava de um método positivista, capaz de controlar os acontecimentos históricos postulando a homologia entre a natureza e a sociedade”*. Korsch (Apud Matos, 2001), também representante do marxismo, criticou, por sua vez, a fetichização das organizações trabalhistas e, diferentemente de Lukács, apoiou Rosa Luxemburgo e defendeu a forma dos conselhos operários proposto por ela que preservava a organização autônoma dos trabalhadores em conselhos operários em detrimento de um partido único que iria comandar o movimento revolucionário, medida adotada pelos bolcheviques. Ele, também, se mostrou Luxemburgista defendendo a não admissão do terror na revolução proletária e concordando com a líder espartaquista, no sentido de acreditar que as coisas é que necessitavam ser combatidas, não os homens.

Ao tornar-se modelo o socialismo “russo” foi imposto aos vários países europeus desconsiderando as diferenças históricas e culturais de cada um. Dessa forma, foi possível, por exemplo, que o Partido Comunista Alemão nascido da Liga Espartaquista pudesse, logo após sua fundação, desconsiderar as particularidades políticas, sociais e culturais do seu país, assumindo posições leninistas. Isto, entretanto, contrariava a própria

organização da ala bolchevique, pertencente ao Partido Operário Social-Democrata da Rússia, que visava a formação de revolucionários profissionais e era composta por líderes e militantes, de acordo com uma rígida hierarquia. Para estes, os líderes é que estabeleceriam as posições a serem seguidas pelos militantes para, dessa forma, conduzirem “a bom termo” a revolução social.

Sobre a causa do insucesso das revoluções de 1919 e 1923 Matos (2001), afirma que de acordo com os bolcheviques ela,

(...) prendia-se á convicção do ‘oportunismo da social democracia’ infiltrada na classe operária para defender seus próprios interesses e à convicção de que as massas abandonariam seus ‘chefes reformistas’ – o que se baseava na analogia entre o processo da Revolução Russa e da Europa ocidental e na certeza do valor universal da experiência bolchevique. (Matos, 2001, pp. 15-16).

A Teoria Crítica da Sociedade foi ainda reforçada por meio de valiosas contribuições de outros dois autores, Tönnies e Weber. Ambos relataram as transformações sociais ocorridas na Alemanha que favoreceram sua industrialização, fazendo dela uma potência não mais voltada ao meio rural, agrário. Tönnies (Apud. MATOS, 2001), mostra as diferenças existentes entre as relações travadas no contexto agrário e no industrial. No primeiro, as relações mantidas são próximas e íntimas enquanto que no segundo, tornam-se, impessoais. Somado a isso estão “*a perda de valores como a honra, o juramento e o respeito pelo passado e pela tradição*” (MATOS, 2001, p. 17).

Weber, por sua vez, acredita que o desencantamento é agora característica do mundo, que substituiu as relações tradicionais da sociedade pela racionalização e formalização das mesmas. Para ele o desencantamento do mundo e a formalização da razão são indissociáveis. O autor mostra, ainda, de que modo o mundo renuncia seus aspectos “místicos, míticos, sagrados, proféticos”, fazendo com que o real se apresente como “mecânico, repetitivo, causal”. Ele se aproxima dos escritos românticos quando afirma que esse

mundo, agora desencantado, gera um grande vazio na alma. Sobre a relação entre Weber e os românticos, precursores da crítica capitalista, Matos assevera que para ambos “(...) *o advento do capitalismo e a universalização do valor de troca, do mercado, do dinheiro como fetiche são vividos como miséria*” (MATOS, 2001, p.17).

O lugar, de suma importância, destinado ao dinheiro faz com os homens, agentes sociais, sejam transformados em seres passivos, subjugados pelo poder e lógica capitalista. O homem passa a ser um simples agente da lei de valor, o que dificulta a relação direta entre os indivíduos, que são, dessa forma, mediadores do contato direto das mercadorias. Para Weber assim como para Marx as mercadorias se tornaram ativas enquanto o homem, por meio da divisão do trabalho, se isola e se fragmenta, passando a ser um apêndice da máquina.

3. Conclusões

A Teoria Crítica é definida, pela Escola de Frankfurt, como uma escola de desencantamentos provenientes da crítica feita à racionalidade. Esta porém, encontra elementos de redenção nos próprios românticos, restabelecendo um aspecto importante do romantismo que é o reencantamento do mundo, mas por meio da imaginação, especificamente, na arte.

A Teoria Crítica desenvolvendo-se a partir do enfoque filosófico colocou-se em oposição à chamada “Teoria Tradicional”. Horkheimer, em 1937, escreve um ensaio que se torna o manifesto da Escola de Frankfurt, dizendo que a filosofia de Descartes é o cânone do pensamento tradicional. Descartes, para a filosofia, foi considerado o instaurador da modernidade visto ter conseguido romper com o pensamento medieval teocêntrico. Ele subverte o sistema perfeccionista da Idade Média colocando o pensamento como ponto de partida. Não confia nos dados dos sentidos pois não vê neles estabilidade, identidade,

solidez. Apenas, a primeira verdade, cogito, pode manter e garantir as verdades da dedução matemática.

Horkheimer ao denominar a filosofia cartesiana, Teoria Tradicional, entendia por esta todo o pensamento identitário, não contraditório, que tenta *“reconduzir a alteridade, a diversidade, a pluralidade, tudo o que é outro em relação a ela, à dimensão do mesmo”* (MATOS, 2001, p. 20). Para a Teoria Tradicional o contraditório é impensável, confuso e sinônimo de irracional. Ao contrário, a crítica, procedente de *crisis* que significa separação, coloca em dúvida todo juízo para poder interroga-lo. O pensamento se coloca, ele mesmo, passível de ser examinado, buscando as condições para o conhecimento científico, moral e artístico.

Ao adotar a crítica a teoria frankfurtiana liga-se a “tríplice tradição”: Kant, Hegel e Marx. Kant em *Crítica da Razão Pura* delimita o alcance do exercício da razão com relação ao conhecimento da natureza. Para ele, a legislação da razão esta atrelada ao espaço e tempo e, somente os fenômenos podem ser objetos da ciência. Nesta, os juízos provém da lógica. Desse modo, Kant elimina a contradição do âmbito científico, afirma que a antinomia só se faz presente quando a razão transgride suas delimitações. Tudo o que foge do espaço e do tempo deve ser rejeitado como objeto de estudo da ciência, tais objetos, como por exemplo à existência de Deus, só podem ser compreendidos a partir da moral, que independe da ciência.

Hegel responde a esses pensamentos kantianos criticando o princípio de identidade e o exercício formalizador do entendimento. Para Hegel, as coisas e os seres históricos e sociais não têm identidade imutável, porém, se formam por meio de sua negação interna.

De acordo com Matos (2001, p. 21), *“ao afirmativo e positivo kantianos, Hegel responde com a dialética, o pensamento do negativo, da contradição que não separa sujeito e objeto, natureza e cultura”*. Para Hegel as delimitações propostas por Kant não são aceitáveis, visto que, as coisas são e não são ao mesmo tempo.

Marx adere a dialética hegeliana, porém realiza nela uma profunda transformação. Se para Hegel apenas a idéia, o espírito, são considerados importantes, para Marx é a matéria, as condições reais de produção o que realmente importa. A economia, segundo Marx, centraliza a totalidade social por ser uma relação entre os homens que produzem seus próprios meios de existência.

Vale lembrar ainda, que tais filósofos são à base da Teoria Crítica. Marx, Hegel e Kant são essenciais para o questionamento do conceito de teoria e de dialética e do porque das insuficiências da teoria revolucionária terem sido transmitidas à práxis histórica.

Marx escreveu, sobre Feuerbach, que o mundo já foi interpretado pelos filósofos e que a necessidade agora era de promover a sua transformação. Isso foi tomado literalmente pelo século XX, que mesmo sem saber o significado de tais palavras para Marx, se propôs a instaurar um ativismo revolucionário. Para os frankfurtianos ocorreu a queda da teoria em ideologia, ou seja, sua conversão em estratégia política, oposta ao trabalho reflexivo. Diante disso Adorno, comentando Marx, observa que já que a filosofia não bastou para mudar o mundo caberia a ela continuar interpretando-o.

Matos (2001), também relata a respeito do posicionamento da Teoria Crítica com relação à filosofia que *“as formulações frankfurtianas representam a subversão do sentido consagrado da filosofia. ‘O todo é o verdadeiro, o todo é o falso’, ‘o todo é o não-verdadeiro’, e ‘todo o real é irracional’ invertem o hegelianismo”* (Matos, 2001, p. 22).

A Escola de Frankfurt adota também o que é periférico, inacabado, no intuito de resgatar o contraditório presente nos grandes textos filosóficos. Partindo da idéia de Benjamim (Apud MATOS, 2001, p. 23), de que *‘convencer é infecundo’* a Teoria Crítica se define muito mais por uma linguagem do que pela *“forma consagrada”* do livro, adotada pelos sistemas persuasivos. Ainda sobre isso, Benjamim (Apud. MATOS, 2001, p. 23), afirma que *“para os grandes, obras acabadas têm peso mais leve que aqueles fragmentos nos quais o trabalho se desenrola através de uma vida inteira”*.

4. Referências Bibliográficas:

CROCHIK, José Leon. *Marcuse: A opressão sob a forma de liberdade*. In: XXI Reunião da Sociedade Brasileira de Psicologia de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 1991, vol.01. pp.437-443.

MARCUSE, H. A. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARCUSE, H. A. *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MATTOS, Olgária C. F. *A Escola de Frankfurt: Luzes e Sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.

ROUANET, S. P. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.